

INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

CATECUMENATO CRISMAL

COLEÇÃO ÁGUA E ESPÍRITO

INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

- *Batismo; Confirmação / Eucaristia de adultos*
Livro do Catequista e Livro do Catequizando
Leomar A. Brustolin e Antonio Francisco Lelo
- *Catecumenato crismal*
Livro do Catequista, Livro do Crismando e Livro da Família
Nucap
- *Perseverança*
Livro do Catequista, Livro do Catequizando e Livro da Família
Nucap
- *Eucaristia*
Livro do Catequista, Livro do Catequizando e Livro da Família
Nucap
- *7-8 anos*
Livro do Catequista e Livro do Catequizando e da Família
Nucap
- *Iniciação à vida cristã dos pequeninos*
Livro do Catequista e Portfólio do Catequizando e da Família
Erenice Jesus de Souza
- *Batismo de crianças*
Livro do Catequista e Livro dos Pais e Padrinhos
Nucap

Núcleo de Catequese Paulinas – Nucap

INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

CATECUMENATO CRISMAL

Livro do Catequista



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Iniciação a vida cristã : catecumenato crismal : livro catequista / Núcleo de Catequese Paulinas - NUCAP. – 9. ed. – São Paulo : Paulinas, 2014. – (Coleção água e espírito)

Bibliografia.
ISBN 978-85-356-3736-6

1. Catequese - Igreja Católica 2. Catecumenato 3. Ritos iniciáticos - Aspectos religiosos - Igreja Católica 4. Sacramentos - Igreja Católica 5. Vida cristã I. Núcleo de Catequese Paulinas - NUCAP. II. Série.

14-02324

CDD-268.434

Índices para catálogo sistemático:

1. Catequese : Catecumenato : Cristianismo 268.434

9ª edição – 2014

7ª reimpressão – 2019

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato e Antonio Francisco Lelo*

Redatores: *Antonio Francisco Lelo (coordenador),
Lisaneos Francisco Prates, Mário Marcelo Coelho,
Cláudio Buss e Leonardo Agostini Fernandes*

Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Ruth Mitzuie Kluska*

Direção de arte: *Irma Cipriani*

Gerente de produção: *Felício Calegari Neto*

Capa e editoração eletrônica: *Manuel Rebelato Miramontes*

Ilustração: *Gustavo Montebello*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2008

Sumário

Apresentação	9
Iniciação	11
Catecumenato	14
Catecumenato crismal	20
Equipe	31
Planejamento	38
Unidade I – Pré-Catecumenato	45
1º encontro – O Pai envia seu Filho	47
2º encontro – O Evangelho de Jesus segundo Marcos	52
3º encontro – Jesus Cristo no Evangelho segundo Marcos	60
4º encontro – A Igreja no Evangelho segundo Marcos	65
5º encontro – Minha história de fé	70
Celebração – Entrada no catecumenato	75
Unidade II – Catecumenato	81
6º encontro – Somos um grupo	83
7º encontro – O Reino de Deus já chegou	89
8º encontro – O nascer para o Reino	94
9º encontro – Chamou discípulos e apóstolos	98
10º encontro – Jesus ensinava por parábolas	101
11º encontro – A última ceia	105
12º encontro – O caminho da cruz	110
13º encontro – A Ressurreição	114

14º encontro – O envio do Espírito Santo.....	119
15º encontro – Como os discípulos de Emaús.....	122
16º encontro – As pastorais.....	130
17º encontro – A oração do Pai-Nosso.....	135
18º encontro – Explicação do Creio.....	141
Celebração – Entrega do Creio e do Pai-Nosso.....	149
19º encontro – Exclusão social.....	154
20º encontro – Defesa da sociedade de direitos.....	158
21º encontro – A sexualidade.....	162
22º encontro – As drogas.....	168
23º encontro – Os valores cristãos.....	173
Unidade III – Purificação.....	177
Celebração – Inscrição do nome.....	179
24º encontro – Iniciação pascal.....	185
25º encontro – Os membros do povo de Deus.....	190
26º encontro – A liturgia.....	195
27º encontro – Celebrar o dom do Espírito.....	203
28º encontro – Sacramento da Confirmação.....	206
29º encontro – Penitência.....	211
Unidade IV – Mistagogia.....	217
30º encontro – A vida nova.....	219
31º encontro – A Eucaristia: centro da vida cristã.....	223
32º encontro – O namoro e a vida matrimonial.....	227
33º encontro – As testemunhas do Reino.....	232
Bibliografia.....	238

Iniciação à vida cristã – Catecumenato crismal

Este projeto tem o objetivo de envolver catequistas, catequizandos e familiares no processo de catecumenato crismal, por meio de um conteúdo que leva à progressiva compreensão da fé e, principalmente, à vivência dessa fé em sua vida pessoal e comunitária. Compõe-se dos seguintes subsídios:

- *Livro do Catequista*: inspirado no RICA (*Ritual de iniciação cristã dos adultos*), apresenta celebrações e roteiros que estimulam a participação na liturgia e que relacionam a Crisma com o Batismo e a Eucaristia, tendo como centro a Páscoa do Senhor. Propõe aos crismandos a realização do Reino de Deus mediante o discipulado de Jesus Cristo.
- *Livro do Crismando*: retoma a trajetória de fé dos crismandos e busca formar uma visão integral da pessoa humana segundo a moral cristã. Apresenta a Igreja como Corpo de Cristo, presença do Espírito e manifestação de Deus-Pai no mundo e motiva os jovens a se tornarem missionários nos ambientes em que estão inseridos e a se engajarem na transformação da sociedade.
- *Livro da Família*: permite aos familiares que acompanhem, ao longo dos encontros propostos, os grandes temas tratados no catecumenato crismal. Estimula, assim, a família e os responsáveis da comunidade cristã a participarem e a colaborarem na formação catecumenal, de modo que os jovens se sintam apoiados na educação de sua fé e os catequistas, reforçados em seu trabalho.

Apresentação

O Nucap (*Núcleo de catequese Paulinas*) apresenta este catecumenato crismal em três volumes: Livro do catequista, Livro do crismando e Livro da família. O trabalho foi coordenado por Pe. Antonio Francisco Lelo, que aplicou o estilo catecumenal (1ª parte) e preparou o itinerário litúrgico-sacramental. O grupo de trabalho contou com a colaboração dos professores Pe. Lisaneos Francisco Prates, Pe. Mário Marcelo Coelho, Pe. Cláudio Buss e Pe. Leonardo Agostini Fernandes.

As orientações da *Conferência de Aparecida* e dos documentos da CNBB (*Diretório nacional da catequese e Evangelização da juventude*) apontam para a renovação da iniciação cristã. É preciso que a vida de fé forme a identidade cristã. Trata-se de um itinerário de educação da fé em três etapas: o Batismo, a Confirmação e a iniciação à Eucaristia.

O *Ritual de Iniciação Cristã dos Adultos (RICA)* norteia todo esse processo. Suas celebrações propõem um discipulado que leve ao contato vivo com o Ressuscitado e situem o sacramento da Crisma em sintonia com o Batismo e a Eucaristia, tendo como centro a Páscoa do Senhor. Essas mesmas características estão presentes neste itinerário, e por isso o tornam um autêntico catecumenato crismal.

Esta obra apresenta roteiros que estimulam a participação na liturgia e suscitam a conversão contínua. As catequese foram organizadas de modo a valorizar logo no início a participação na celebração dominical. Elas também destacam as vivências litúrgicas e usam uma pedagogia mais participativa. Para aproveitar melhor o plano desse itinerário, é fundamental dedicar-se ao estudo do

“Projeto catecumenal” e conferir detidamente a disposição temática das unidades e seus objetivos.

O método busca formar pela ação, fazendo do catequizando um cristão inserido na vida da comunidade e da sociedade. Propõe retiros, trabalhos sociais e visitas aos grupos pastorais. Também supõe um trabalho em parceria com os pais ou familiares. O Livro da família ressalta a necessidade tanto de reuniões com a equipe catecumenal quanto da presença familiar na vida da comunidade, especialmente nas Eucaristias dominicais.

Iniciação

O sacramento da Crisma não existe isoladamente. Na Igreja antiga, após os adultos serem batizados, eram revestidos de branco e dirigiam-se em procissão para a Igreja, onde o bispo os esperava para ungi-los com o óleo do crisma. Logo depois, eles participavam pela primeira vez da liturgia eucarística. Concluíam, assim, o processo catecumenal de preparação, mas deveriam ainda se reunir nos domingos dos cinquenta dias pascais para aprofundar a celebração dos três sacramentos de iniciação (Batismo, Eucaristia e Confirmação).

Com o aumento das paróquias nas cidades e sua multiplicação pelos campos, já não era possível uma única celebração da Páscoa ao redor do bispo. A solução encontrada pela Igreja ocidental foi dividir o processo de iniciação em etapas. Assim, deixou-se a Crisma para quando o bispo visitasse a comunidade, e a Eucaristia para quando a criança estivesse com dez anos. Logo após o cristianismo se tornar a religião oficial do Império Romano, passou a ser mais comum o Batismo de adultos; com o passar do tempo o Batismo foi administrado quase que exclusivamente a crianças. Quanto à Eucaristia, o Papa São Pio X adiantou a comunhão para a idade da razão (a partir dos sete anos), quando a criança já podia distinguir entre pão e Pão. No que se refere à Confirmação, após o Concílio Vaticano II, firmou-se a teologia da Crisma compreendida como sacramento do compromisso cristão ou do testemunho; com isso, muitas Conferências Episcopais resolveram propor a idade mínima de catorze anos para recebê-la.

A origem da Crisma possibilita compreendê-la unicamente relacionada com o Batismo e com a Eucaristia. Nossa dificuldade atual de entender a iniciação cristã como um todo provém do

fato de que suas etapas, com o passar do tempo, foram perdendo a mútua relação e sua catequese se fragmentou.

Urge recuperar o sentido pleno da iniciação cristã. A própria palavra “iniciação” contém em si uma noção de mudança. É a maneira de ingressarmos em uma etapa nova de vida, na qual deixamos a infantilidade, os limites que nos prendem a um determinado estado, para recriarmos um novo espaço, um novo tempo, com novas possibilidades de realização pessoal. A iniciação descortina um panorama inédito, outros horizontes. Ela permite a visão do que antes estava oculto. A pessoa que passa pela iniciação almejará novos objetivos e novas metas para sua vida.

Uma pessoa está iniciada no cristianismo quando faz a experiência com a Palavra anunciada, recebe os três sacramentos de iniciação e se dispõe a professar a fé na vida. As três etapas – Batismo, iniciação à Eucaristia e Crisma – cooperam para uma finalidade só: formar a identidade cristã, isto é, alcançar a maturidade em Cristo (cf. Ef 4,13). “Ser cristão significa conhecer a pessoa de Jesus Cristo, fazer opção por ele, unir-se a tantos outros que também o encontraram e, juntos, trabalhar pelo Reino e por uma nova sociedade.”¹ Por isso, “o cristão se identifica com aquele que é o ‘bom samaritano’, que socorre [...] toda vítima inocente do mal do mundo, sem se perguntar sobre a raça ou a religião dele. Ele cura inúmeras pessoas [...], traz uma palavra de esperança aos pobres e reparte o pão com eles [...], acolhe e perdoa os pecadores. Ele é misericordioso. Estende a mão para levantar o caído, acolhe com abraço o que volta arrependido e vai ao encontro do afastado. Devolve o ser humano às suas tarefas, às suas responsabilidades e à sua dignidade”.² É fundamental que o cristão adquira uma personalidade segundo o Evangelho e tenha atitudes coerentes com a vida nova que experienciou nos sacramentos e na Palavra de Deus.

¹ CNBB. *Evangelização da juventude*; desafios e perspectivas pastorais. São Paulo, Paulinas, 2007. n. 52. (Documentos da CNBB, n. 85).

² *Ibid.*, n. 85.

NOVO MODELO

Compreende-se a catequese crismal em interação com a pastoral do Batismo de crianças, com a iniciação à Eucaristia e, principalmente, com a iniciação sacramental dos adultos, levando em conta aqueles que foram batizados, mas não completaram a iniciação. Deste princípio decorre a formação conjunta de todos os agentes pastorais envolvidos nesses sacramentos a fim de aprofundar os caminhos da iniciação na vida da comunidade. Os agentes são os primeiros a assimilar a experiência da unidade sacramental, visto que, na maioria das vezes, desconhecem a estreita ligação entre os três sacramentos.

Com exceção dos jovens ainda catecúmenos, os crismandos já percorreram o caminho da catequese de iniciação à vida eucarística. Não se pode, portanto, ignorar os passos dados anteriormente. Daí a necessidade de enfocar a ligação existente entre os três primeiros sacramentos.

Catecumenato

Catecumenato é uma palavra de origem grega que quer dizer “lugar onde ressoa alguma mensagem”. No cristianismo dos primeiros séculos, era a introdução na fé realizada pela Igreja para os adultos não cristãos que queriam tornar-se cristãos. Constituía um período de intensa formação em que se combinavam o anúncio da Palavra com a celebração da fé tendo em vista a conversão progressiva e real do catecúmeno.

Encontramos os ritos catecumenais integrados em todo o processo de iniciação cristã no *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA)*, restaurado pelo Concílio Vaticano II e publicado em 1972.¹

O catecumenato é tomado não como uma escola, mas sim como uma iniciação de discípulos que descubrem um caminho. Por isso contempla o primeiro anúncio querigmático, o núcleo da mensagem cristã. A formação catecumenal, mais do que doutrinária, é discipulado, cuja característica principal consiste em ser e viver conforme Jesus. É preciso escutá-lo, viver em comunidade e cumprir o duplo mandamento fundamental: amar a Deus e ao próximo. Escutar Cristo significa, primordialmente, compreender o Evangelho e acolhê-lo na fé, confiando em sua sabedoria e aderindo inteiramente a ele.

Esse caminho de amadurecimento da fé percorrido nos primórdios da Igreja era exemplar; constituía um processo único e dispunha de uma metodologia que integrava catequese, celebração e vivência da fé.

¹ Recomendamos a obra específica sobre o assunto e adaptada ao contexto brasileiro: LELO, Antonio Francisco. *A iniciação cristã; catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho*. São Paulo, Paulinas, 2005.

As orientações atuais sobre a catequese apontam para o catecumenato como caminho de amadurecimento da fé. Os bispos da América Latina e Caribe reunidos em Aparecida orientam: “Sentimos a urgência de desenvolver em nossas comunidades um processo de iniciação na vida cristã que comece pelo *querigma* e que, guiado pela Palavra de Deus, conduza a um encontro pessoal, cada vez maior, com Jesus Cristo, experimentado como plenitude da humanidade e que leve à conversão, ao seguimento em uma comunidade eclesial e a um amadurecimento da fé na prática dos sacramentos, do serviço e da missão”.²

SEGUIMENTO³

Ser cristão não é simplesmente aceitar uma doutrina e ser fiel a determinadas normas, sem dúvida, importantes, mas é seguir uma pessoa que nos atrai a si e conquista o nosso coração: Jesus de Nazaré. É responder ao chamado de Jesus e colocar-se a caminho, seguindo seus passos, movido pela força do seu Espírito. É entrar na dinâmica processual do discipulado.

O seguidor deve *reproduzir* a estrutura fundamental da vida de Jesus: encarnação, missão, cruz e ressurreição e, ao mesmo tempo, *atualizá-la*, inspirado e animado pelo Espírito de Jesus e de acordo com as exigências do contexto em que vive.

O discipulado expressa a relação vital entre a pessoa do discípulo e o mestre Jesus.

A dinâmica do processo catequético constitui-se em lugar privilegiado para levar o catequizando a colocar-se na escola do Mestre Jesus e assimilar seus ensinamentos. “Fazer discípulos” é *aprofundamento do seguimento* e implica renúncia a tudo o que se opõe ao projeto de Deus e diminui a pessoa. Leva à

² CELAM, *Documento de Aparecida*, cit., n. 289.

³ Transcrição livre de partes do artigo: BOMBONATTO, Vera Ivanise. Discípulos missionários hoje: catequese, caminho para o discipulado. In: COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA DA CNBB. 3ª *Semana Brasileira de Catequese – Iniciação à vida cristã*. Brasília, Edições CNBB, 2010, p. 169-185.

proximidade e intimidade com Jesus Cristo e ao compromisso com a comunidade e com a missão.⁴

Seguir é colocar-se na dinâmica do caminho e engloba, por conseguinte, o discipulado enquanto assimilação de um modo de viver. Discipulado situa-se no horizonte da resposta do chamado ao seguimento.

Não se trata de repetir mecanicamente o que Jesus fez, pois ele viveu num contexto diferente do nosso. Trata-se de perguntar-se, a cada momento, o que Jesus faria se estivesse em meu lugar, hoje? Para responder a esta pergunta, é necessário conhecer o que Jesus fez e ensinou!

Jesus, o Verbo eterno, inaugura sua atividade missionária convidando algumas pessoas do meio do seu povo para segui-lo e partilhar com ele a vida, a missão e o destino. Ele chama com autoridade e sem dar nenhuma explicação (cf. Mc 1,16-20; Mt 4,18; Lc 1-11; Jo 1,35-43).

Os Evangelhos registram a existência de um grupo de pessoas que, respondendo ao convite de Jesus, o seguiram.

Os traços característicos do seguimento encontram-se, particularmente, nas narrativas da vocação dos primeiros discípulos⁵ e nos ditos (*logias*)⁶ de Jesus a este respeito.

Jesus toma a iniciativa e escolhe os seus discípulos: Na escola de Jesus, não são os discípulos que escolhem o mestre com base em critérios preestabelecidos, mas é Jesus quem toma a iniciativa e, agindo com autoridade profética, escolhe seus discípulos. Tudo tem início com um encontro e uma palavra autorizada, eficaz e criativa de Jesus: Segue-me. Essa palavra expressa sua vontade eletiva em relação à pessoa chamada. Por meio de Jesus, Deus intervém na vida das pessoas. É Deus quem procura o ser humano nas coordenadas do tempo e da história.

⁴ Cf. CNBB, *Diretório Nacional de Catequese*, n. 34.

⁵ As narrativas dos chamados são múltiplas. A título de exemplo, pode-se citar: Mc 1,16-20; Mt 4,18; Lc 1-11; Jo 1,35-43.

⁶ Os evangelistas registraram uma série de ditos de Jesus (*logias*) nas quais ele especifica as condições necessárias para ser seu discípulo. A título de exemplo, pode-se citar: Mc 8,34; Mt 10,37-38; Lc 14,26.

A fé em Jesus está na origem e no caminho de seguimento, que acontece em meio a luzes e sombras. Todo o relacionamento recíproco entre Jesus e seus discípulos se desenvolve no horizonte da fé nele como o Messias.

A relação mestre-discípulo não se limita ao fato de ensinar e aprender uma doutrina, mas é uma comunhão vital com Jesus e se traduz na obediência incondicional à sua palavra. Os seguidores de Jesus participam de sua vida, de suas atividades, particularmente do anúncio do Reino. Mas eles dependem plenamente de Jesus e agem em comunhão com ele. Sem a relação-comunhão vital com Jesus, a pregação da Boa-Nova do Reino perde toda sua força de transformação.

Seguir Jesus supõe dúplice relação: de proximidade e de movimento: *estar com Jesus* (cf. Mc 3,14); *manter-se ao seu lado nas provações* (cf. Lc 22,28); *ter os mesmos sentimentos e atitudes de Jesus* (cf. Fl 2,5); *tornar-se filho no Filho* (cf. Rm 8,29); *ter os olhos fixos em Jesus* (Hb 12,12).

A resposta ao chamado de Jesus faz a pessoa entrar na dinâmica do Bom Samaritano (cf. Lc 10,29-37), tornando-nos próximos, especialmente dos que sofrem. É um sim que compromete radicalmente o discípulo e o faz tornar-se, com Jesus e em Jesus, Caminho, Verdade e Vida da humanidade (cf. Jo 14,6).⁷

No seguimento de Jesus e na resposta do discipulado, estão presentes três dimensões distintas e intrinsecamente relacionadas entre si: *o memorial, a vivência e o anúncio*.

- O *memorial*, que atualiza a prática de Jesus, suas atitudes em relação ao Pai e aos irmãos e seu mandato: “fazei isto em memória de mim”. A fé cristã tem uma dimensão de memorial. Recordar, no sentido litúrgico, é tornar presente e visível o Cristo invisível, crucificado e glorioso. Crer é fazer memória dos gestos, das ações e palavra de Jesus. É inspirar-se em seus gestos e continuar sua opção radical em favor da vida onde quer que ela esteja ameaçada. Evocar o Jesus do Reino é provocar a continuidade de suas atitudes. Ele

⁷ Cf. CELAM, *Documento de Aparecida*, nn. 135-136.

continua presente nos seus seguidores e atua entre eles e por meio deles. A celebração é uma forma de tornar presentes as ações de Deus. E a Igreja é sinal e memorial vivo da permanente presença de Jesus.

- *A vivência*, maneira concreta de ser fiel a Jesus na solidariedade para com os pobres, reinventada constantemente em nossas vidas, pela força do Espírito que age em nós.
- *O anúncio*, Jesus venceu a morte, está vivo no meio de nós e nos envia a anunciar a Boa-Nova do Reino, vivendo na esperança sempre reavivada de que se pode viver gestos de ressurreição até que ela se realize plenamente.

ESTILO CATECUMENAL⁸

Hoje em dia, não é possível repetir exatamente os ritos do catecumenato antigo. A princípio esclarecemos que não se trata de aplicar indiscriminadamente os ritos catecumenais na catequese eucarística ou crismal. *O importante é conhecer e aplicar sua pedagogia própria em itinerários de educação da fé, conservando os elementos característicos dessa metodologia.*⁹

O estilo catecumenal favorece as seguintes características:

- a centralização de todo o processo no mistério pascal, raiz comum de todos os sacramentos e mistério principal que define a identidade cristã;
- a compreensão da mútua relação pascal e unidade de sentido dos três sacramentos num processo adequado de maturação da fé. Por isso, não se devem fragmentar o Batismo, Confirmação e Eucaristia como se fossem coisas separadas;

⁸ Para o aprofundamento do tema com o grupo animador do catecumenato recomenda-se utilizar a cartilha: LELO, Antonio Francisco. *Catequese com estilo catecumenal*. São Paulo, Paulinas, 2008.

⁹ Cf. CNBB. *Diretório nacional de catequese*. São Paulo, Paulinas, 2006. (Documentos da CNBB, n. 84). nn. 45, 49e.

- a intensidade e a integridade da formação, basicamente com a apresentação da história da salvação, do Creio e do Pai-Nosso;
- o anúncio urgente da centralidade e experiência da fé em Jesus Cristo, o chamado querigma, deverá percorrer ao longo de toda a catequese de forma convicta e testemunhal;
- proporcionar maior experiência com os símbolos da fé na celebração em interação com o anúncio e a vivência da fé; a catequese e a liturgia se unem, porque uma precisa da outra para se explicitarem;
- a Palavra lida em comunidade como princípio fundante de toda catequese;
- a leitura contínua dos sinais de Deus na história;
- a iniciação cristã diz respeito a toda comunidade, e em primeiro lugar aos adultos. Os pais ou responsáveis devem ser envolvidos como primeiros interessados.

Catecumenato crismal

A partir dos tempos e das celebrações de passagem do catecumenato de adultos restaurados pelo RICA e procurando seguir as características principais deste *Ritual*, apresentamos as quatro unidades temáticas deste itinerário de amadurecimento da fé para os jovens.

A progressividade das catequeses e dos ritos constituirá o critério principal para uma crescente conversão. O jovem cada vez mais conceberá valores mais evangélicos que tome o lugar de uma mentalidade consumista e mundana, e também mais crítica sobre a exclusão social geradora da injustiça e miséria.

PRIMEIRA UNIDADE: PRÉ-CATECUMENATO

A pedagogia divina parte da realidade das pessoas, acolhe-as e respeita-as na originalidade de sua vocação para chamá-las à conversão. Hoje não podemos mais pressupor a vida de fé entre aqueles que nos procuram para dar mais um passo na iniciação à vida cristã. “O pressuposto da fé não só deixou de existir, mas frequentemente acaba até negado. Há uma profunda crise de fé que atingiu muitas pessoas.”¹ Mesmo que a grande maioria dos nossos candidatos tenha recebido a primeira comunhão, torna-se necessário afirmar nossa identidade numa sociedade pluralista com várias opções de fé.

¹ *Porta Fidei*, n. 2

Ao considerarmos a situação dos jovens que vêm à nossa comunidade para continuar o processo de conversão e de experiência do amor e da misericórdia de Deus em suas vidas, avaliamos a importância da acolhida e do acompanhamento pessoal que requer tal aproximação.

O processo catecumenal do *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos* (RICA) contempla, em sua primeira etapa (nn. 9-12), especificamente, o anúncio querigmático. A fase inicial do pré-catecumenato se propõe basicamente a três dimensões: *a acolher* bem aquele que se aproxima; a proporcionar-lhe o encontro pessoal com Jesus Cristo com o *anúncio decisivo do querigma* e a obter sua *resposta de adesão* corajosa ao projeto de Jesus Cristo. Essa fase é uma experiência viva da presença do Espírito e de comunhão no amor com o Pai e o Filho.

Acolhida

Acolher o catequizando significa ter cuidado para ouvir suas motivações de fé, sua história de vida e seus problemas. Na verdade, a conversão de uma pessoa implica um repasse das dimensões de sua vida, o que requer tempo de escuta, acompanhamento, amizade, confiança e respeito por suas convicções e experiências, muitas vezes, sofridas.

Ao acolher bem estamos dizendo àquela pessoa: você é muito importante no nosso meio; sua presença vem enriquecer o nosso grupo; você tem muito valor... Acolher bem é valorizar a pessoa que chega, independentemente de quem seja, e, com isso, ela, sentindo-se valorizada, vai se empenhar em ajudar, dando, assim, o melhor de si. Todos ganham com isso. As pessoas não buscam em primeiro lugar as doutrinas, mas o *encontro pessoal, o relacionamento solidário e fraterno, a acolhida*. Sem acolhida não é possível ensinar nem viver as doutrinas da Igreja.

Anunciar

Há que anunciar, sem medo, o nome, a pessoa, a missão e o destino de Jesus de Nazaré. Despertar a fé e provocar o encontro com Jesus Cristo é o tesouro mais precioso que temos

a oferecer na Igreja. Se antes podíamos supor que os jovens traziam consigo essa fé, hoje não precisamos pensar assim. O desconhecimento mínimo da fé, a crise dos valores, a banalidade das relações e o individualismo reinante nos fazem ter a preocupação de apresentar, em primeiro lugar, aquele que é a razão de todo o caminho de fé. Somente a partir desta decisão inicial de sentir-se atraído por Cristo, por seus ensinamentos e modo de vida, que valerá a pena seguir adiante.

“Pode-se dizer que o primeiro anúncio oferece a porta de entrada da experiência cristã. É uma porta experiencial, vital, uma porta pela qual se tem que passar. E não se transpassa somente com o pensamento, mas tomando uma decisão [...] de estabelecer um contato pessoal com Jesus Cristo, considerado como alguém que está vivo e que oferece a vida em plenitude, o encontro com Deus, a salvação.”²

“O centro do primeiro anúncio é a pessoa de Jesus, proclamando o Reino como uma nova e definitiva intervenção de Deus que salva.”³ Cada pessoa é chamada a repetir aquela experiência pessoal de encontro com Jesus, por caminhos de liberdade que levam ao amadurecimento e à construção de uma nova vida.

Por isso, os encontros da primeira unidade apresentam quatro catequeses para melhor compreender a vida e a missão de Jesus. Os crismandos são instados a conhecerem Jesus e a proposta de seguimento apresentada pelo evangelista Marcos, como também a continuarem a leitura de todo o Evangelho segundo Marcos. Apresentar a pessoa e a missão de Jesus que vem ao mundo é algo que nos entusiasma e nos faz viver com mais alegria.

Neste tempo é importante considerar os objetivos cumpridos na catequese de iniciação à Eucaristia. Estes são importantes e devem ser, agora, aperfeiçoados e amadurecidos. A primeira decorrência desse princípio será a retomada da missa dominical como centro da vida cristã, como meio habitual de assumir a Páscoa de Cristo na entrega da própria vida. Não nos esqueçamos de que a meta da iniciação cristã é a participação ativa, consciente

² MORLANS, Xavier. *El primer anuncio. El eslabón perdido*. Madrid, PPC, 2009, p. 45.

³ Id., *Diretório nacional de catequese*, cit., n. 30.

e frutuosa na Eucaristia da comunidade e sua correspondente continuidade na vida diária.

“A pessoa divina de Jesus investe e envolve de tal modo o chamado, que lhe muda o projeto de vida, o modo de viver, de pensar e de agir. Lentamente, o discípulo se encontra com um novo estilo de vida, um novo modo de escolher e de avaliar as coisas, as pessoas e os acontecimentos. O Mestre Jesus exerce sobre o discípulo tal poder de atração, que se torna irresistível! O apóstolo Paulo dirá que foi ‘agarrado’ por Jesus Cristo (cf. Fl 3,12).”⁴

Conversão

Não se trata só de falar a verdade de fé, mas de apresentar um estilo de vida, de ter uma postura pela qual demonstramos a fé em que cremos, celebramos e por ela estabelecemos relações com o próximo. “O que contemplamos e o que as nossas mãos apalparam da Palavra da Vida – vida esta que se manifestou, que nós vimos e testemunhamos, vida eterna que a vós anunciamos” (1Jo 1,1-2).

Com a graça de Deus, há uma conversão inicial, por meio da qual a pessoa se sente chamada a afastar-se do pecado e a mergulhar no mistério do amor de Deus (cf. *RICA*, n. 10). “O poder do Espírito e da Palavra contagia as pessoas e as leva a escutar Jesus Cristo, a crer nele como seu Salvador, a reconhecê-lo como quem dá pleno significado a suas vidas e a seguir seus passos” (*DAP*, n. 279). O querigma traça uma catequese propositiva com forte capacidade missionária de anúncio de conversão, adesão a Cristo e mudança de vida.

É nesse diálogo que o ser humano decide livremente que Deus ocupe o centro de sua vida, que os desejos de Deus sejam os desejos de sua vontade humana e que o amor de Deus seja o fundamento de seu amor humano. Inicia-se o seguimento de Jesus. A mudança de certos costumes comuns nessa faixa etária indicará se houve avanço e quais deverão ser os passos futuros.

⁴ TERRINONI, Ubaldo. *Projeto de pedagogia evangélica*. São Paulo, Paulinas, 2007, p. 47.

Introdutor na fé

Cabe, neste tempo, a atuação do *introdutor*. Com o contínuo processo de aceleração da vida moderna, que favorece o anonimato nas cidades sempre em crescimento, a equipe poderá optar de trabalhar esta primeira unidade escolhendo *introdutores* que durante um determinado período converse individualmente com o jovem e trate pessoalmente os temas desta unidade. Quanto mais personalizado for o acompanhamento, maiores serão os rendimentos e mais solidificado será o processo.

O introdutor é alguém mais experiente na vida de fé, um verdadeiro guia espiritual, que, partilhando sua própria experiência com o candidato, vai ajudá-lo a estabelecer uma relação pessoal com Deus e com a comunidade. Será aquele amigo que conversará particularmente com o candidato, escutará sua história de vida, seus anseios e projetos. Também o ajudará a dar os primeiros passos na vida de comunidade e o acompanhará no crescimento de sua oração. Fundamentalmente é alguém próximo que escuta, acompanha e testemunha a grandeza e a força da fé na vida de uma pessoa.

Anuncia o querigma, com seus principais conteúdos, auxilia na descoberta pessoal da Boa-Nova de Jesus Cristo e acompanha o processo de conversão daqueles que procuram o Deus vivo. Introdutores e catequistas tudo farão para que os catequizandos sintam-se amados por Deus, acolhidos pela comunidade e motivados a iniciar o itinerário.

Possivelmente, será membro ativo de alguma pastoral. O grupo de introdutores se enriquece quando seus membros são participantes das diversas pastorais e movimentos paroquiais, visto que um dos objetivos do trabalho do introdutor é o estreitamento de laços do candidato com a comunidade a fim de dar-lhe maior segurança e força para o início de sua caminhada cristã.

Em qualquer situação, a evangelização deve acontecer num clima de acolhimento, com linguagem acessível e em tom coloquial, para que as pessoas sintam-se à vontade em participar. O acompanhamento espiritual dado pelos introdutores, no início da caminhada de fé, tem as seguintes finalidades:

- favorecer a atuação do Espírito Santo, que realiza a iniciação da pessoa na vida de Cristo e da Igreja;
- ajudar na compreensão do Evangelho e na adesão à pessoa de Jesus Cristo;
- estimular a pessoa no processo de conversão e vivência do Evangelho;
- clarear, motivar e orientar a leitura bíblica e a oração pessoal.⁵

Celebração de entrada

Cumprido este tempo, celebra-se a entrada formal no catecumenato, como decisão resoluta de amar e seguir a Cristo. Os candidatos reúnem-se, possivelmente, numa missa dominical e depois da homilia, produz-se o diálogo do pároco com crismandos, catequistas, pais e introdutores. Os crismandos manifestam suas intenções à Igreja, enquanto esta acolhe os que pretendem se tornar seus membros com *a assinalação da cruz e a entrega da Bíblia*, cercando-os de amor e proteção (cf. *RICA*, nn. 18.68-97). São assinalados todos os sentidos, os ombros e o peito do candidato; essa assinalação será culminada com aquela cruz traçada com óleo no crismando para receber o Espírito Santo, a fim de, em força deste Espírito, poder abraçar a cruz do Senhor.

Eis uma oportunidade ímpar para reunir todos os envolvidos na catequese, numa missa dominical da comunidade. Com esta celebração tem início o tempo do catecumenato.

SEGUNDA UNIDADE: CATECUMENATO

O crismando dá mais um passo. Começa o tempo específico do catecumenato (*RICA*, nn. 14-20.98-108), como um tempo de *discipulado* para Jesus Cristo. Os setenta e dois discípulos que Jesus formou conviveram com ele e questionaram a própria vida

⁵ Sobre o introdutor: ARQUIDIOCESE DO RIO DE JANEIRO, *Diretório Arquidiocesano da Iniciação Cristã*, nn. 10, 22, 119-120, 124-125.

a partir de seus ensinamentos e da maneira como agia. Também, para o catequizando, este tempo será ocasião de rico confronto da mensagem evangélica com as suas convicções de vida, um autêntico período de discipulado, de convivência íntima com o Mestre.

Está em jogo a formação da personalidade cristã, afinal de contas: o que significa ser cristão hoje? Quais as consequências desta decisão? Ficam longe as motivações de ser crismado só por motivos sociais.

O(a) jovem, seguro de si e responsável pelas próprias escolhas, já não tem tempo a perder. O que importa mesmo é amadurecer a fé, com critérios e juízos capazes de dar pleno sentido à vida, muito além do mero consumismo ou do sucesso vazio que a sociedade apregoa. O crismando aprenderá a nortear sua ação na sociedade como cristão e a valorizar sua comunidade de fé.

Partir do jovem

O catecumenato de Confirmação, como processo de amadurecimento, considera os jovens como protagonistas e agentes de sua educação, ajuda a descobrir quem são e colabora para que estabeleçam critérios pessoais para enfrentar a vida e dar respostas originais aos desafios que ela apresenta.

A pedagogia dos encontros busca criar laços, valorizar a experiência de vida de cada um e levar o catequizando a discernir as situações à luz da fé. Isto se realiza por meio do aprofundamento da fé com a Palavra e o confronto com as situações da vida; a liturgia passa a ser o lugar do encontro vivificante com o Senhor, o seu Espírito e o Pai. Naturalmente, tudo deve confluir para uma vivência cada vez mais evangélica.

É fundamental que os crismandos se coloquem como sujeitos, isto é, que tenham oportunidade e confiança de expor suas experiências, sentimentos e dúvidas. Neste método, a perspicácia da equipe animadora é fundamental para harmonizar o conteúdo programado, as reações do grupo, o tempo para a oração e o gesto concreto.

O respeito à individualidade, um princípio fundamental da pedagogia moderna, é assumido também pelo catecumenato. Cada um deverá ser respeitado como é. Não deve ser julgado, mas sim tratado como pessoa que tem direito à sua própria autonomia. Ele deve sentir-se livre durante todo o processo educativo.

Esse respeito ao jovem, como ele é, traz consigo a exigência de conhecê-lo em seu ambiente real. Na fidelidade à pedagogia interior do coração, a catequese procura a síntese entre o conhecimento intelectual e a experiência amorosa da vida em Deus. A catequese deve ajudar o jovem a perceber a vida como uma grande experiência de Deus.

A catequese crismal igualmente não tem medo de construir a liberdade dos jovens e, com os jovens, concebe-a como processo de conquista em que Deus é a garantia da vitória contra toda escravidão deste mundo. Se no Primeiro Testamento aconteceram maravilhas, no Segundo Testamento a Páscoa em Jesus é a certeza plena da Ressurreição e do início da vida em plenitude já neste mundo.

Os diálogos de Jesus são marcados pela atenção e respeito às pessoas. Com essa pedagogia, ele foi abrindo caminhos para Zaqueu, os Discípulos de Emaús, a Mulher Samaritana, Pedro e os demais apóstolos...⁶ O modo de ser e de atuar de Jesus é o mais claro referencial na atuação do catequista junto aos crismandos. O Mestre foi fiel ao Pai e dócil ao Espírito. O modo jesuânico de agir aponta as atitudes que deverão ser cultivadas no tempo catecumenal e mostra a animadores e crismandos o que é fundamental.

Jesus é uma catequese viva do Pai, uma Boa-Nova que ilumina a experiência humana e abre dimensões diferentes para a vida do homem. Ele é palavra cheia de comunicação pessoal, que espera pela resposta livre do homem. Alguns aceitaram o chamado, como os apóstolos; outros, como o jovem rico, voltaram atrás.

⁶ O tema pode ser aprofundado em TERRINONI, Ubaldo. *Projeto de pedagogia evangélica*. São Paulo, Paulinas, 2007.

Estrutura da unidade

Nesta unidade mais extensa da catequese crismal, aprofundar-se-á a prática de Cristo ou a radicalidade do seguimento. Tempo dedicado à gradual conversão à pessoa, missão e destino de Jesus. É a ocasião de descobrir os sinais do Reino inaugurado por Cristo e vivido por seus discípulos de ontem e de hoje. A Igreja, Corpo de Cristo, já é manifestação do Reino e é presença do Espírito.

Estágio pastoral

É hora de conhecer a comunidade paroquial, o lugar onde é anunciada e vivida concretamente a Palavra. Por isso, pode ser incrementado o estágio pastoral, que consiste na participação da prática pastoral da comunidade e no conseqüente intercâmbio de experiências no grupo.

É importante que os animadores catecumenais façam contatos prévios com as diversas pastorais que poderão receber os crismandos para o estágio de observação e pesquisa. Devem-se oferecer a data, o horário e o local das reuniões, bem como o nome das pessoas a quem a dupla de estagiários deverá se dirigir. Naturalmente, a equipe manterá atualizada a distribuição dos estágios com os nomes dos respectivos participantes envolvidos em cada um deles e distribuir entre si a tarefa de acompanhá-los.

Os animadores preparem um *roteiro* de como deverá ser realizado o estágio. Nesse roteiro conste: a finalidade e os meios para desenvolver seus propósitos, as características gerais dos membros do grupo, o número de pessoas atingidas, a análise da atuação do grupo, o número de reuniões e o tipo de envolvimento que a dupla estabeleceu com o grupo.

Entrega do Creio e do Pai-Nosso

A Igreja *entrega* com amor o *Creio*, também chamado *Símbolo da fé* (RICA, nn. 125.181-187), e o *Pai-Nosso* (RICA, nn. 188-192), que desde a antiguidade constituem o resumo de sua fé e de sua oração. Tais *entregas* podem ser celebradas numa missa dominical da comunidade. Após a homilia, o sacerdote reza o *Creio* ou exorta sobre o *Pai-Nosso* e pede aos catequizandos que

devolvam essa mensagem à comunidade em forma de vivência cristã e prática evangélica em sua própria maneira de ser. Esta celebração marca mais um trecho percorrido, comprometendo ainda mais o crismando.

Há ainda cinco catequeses que relacionam temas próprios da fase juvenil com a fé cristã. Sempre com o objetivo de proporcionar o diálogo entre fé e vida.

TERCEIRA UNIDADE: PURIFICAÇÃO

O tempo da Purificação transcorre durante a Quaresma (RICA, nn. 21-26.152-159), com as características próprias deste tempo (jejum, esmola-caridade e oração mais intensa com a celebração penitencial). Traça o caminho para uma intensa participação e vivência do mistério da Páscoa do Senhor.

No primeiro domingo da Quaresma, em uma missa dominical (cf. RICA, nn. 21-24.133-142), após a homilia, os crismandos considerados aptos se inscrevem para receber o sacramento da Crisma na Vigília Pascal ou no Tempo Pascal daquele ano. A equipe catecumenal apresenta os candidatos para a comunidade e, em seu nome, o pároco os recebe, reza sobre eles, para que progridam no caminho de abraçar o Evangelho e seguir os passos de Jesus Cristo, especialmente durante o tempo da Quaresma. Com esse rito encerra-se o catecumenato propriamente dito.

Chama-se “eleição” porque a admissão, feita pela Igreja, se baseia na eleição de Deus, em cujo nome ela se realiza; chama-se também “inscrição dos nomes”, pois os nomes dos futuros batizados ou crismados são inscritos no *livro dos eleitos*. Requerem-se deles a fé esclarecida e a vontade deliberada de receber o sacramento da Igreja.

É hora da preparação próxima para a celebração do sacramento da Crisma. Pelo *Batismo, Confirmação e Eucaristia* somos iniciados na Páscoa de Cristo, ou seja, somos incorporados em Cristo e recebemos o seu Espírito. A celebração litúrgica é o lugar onde nos associamos ao sacerdócio de Cristo e oferecemos nossa vida.

QUARTA UNIDADE: MISTAGOGIA

Mistagogia significa “ser introduzido no mistério”, ou seja, no plano salvífico de Deus de salvar o mundo em Cristo (cf. Ef 1,3-13). O cume da iniciação dos adultos acontecia na celebração dos três sacramentos – Batismo, Confirmação e Eucaristia –, na Vigília Pascal. Estes sacramentos possibilitam eficazmente a participação no mistério da salvação em Cristo.

A iniciação é compreendida como identificação existencial da pessoa com a Páscoa de Cristo. Ao centralizar as catequeses ao redor do Tríduo Pascal, incluindo tanto sua fase de preparação (Quaresma) quanto sua fase posterior (Tempo Pascal), ressalta-se a inserção ou configuração pascal como meta de todo o processo iniciatório.

As catequeses mais importantes, ditas mistagógicas – que introduziam o indivíduo no entendimento do mistério da fé –, ocorriam após a experiência vivida na Vigília Pascal durante o Tempo Pascal.

O tempo ideal de se celebrar a Crisma é a Vigília do Sábado Santo ou durante o Tempo Pascal. Após ter recebido o sacramento da crisma, preferencialmente ainda dentro do Tempo Pascal, poder-se-ão continuar os encontros do grupo, pois os textos bíblicos deste tempo, particularmente os das missas dominicais, tratam dos sacramentos da iniciação, da incorporação na Igreja, do alegre anúncio do Ressuscitado. É o momento de aprofundar estas realidades para que o crismado possa aquilatar a transformação que aconteceu em seu interior.

Esse, portanto, é o momento adequado para refletir sobre os sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia. A experiência e o aprofundamento da vida sacramental geram a nova identidade configurada na Páscoa de Cristo. A participação consciente, ativa e frutuosa na Eucaristia dominical constituirá o critério para que os jovens crismados se tornem missionários nos ambientes onde vivem, adquiram consciência da cidadania e engajem-se na transformação da sociedade.

Equipe

O primeiro passo para a existência do catecumenato é a formação dos animadores. A catequese não é uma missão que se desempenha individualmente, mas em comunidade. O catequista deve viver sua experiência cristã e como animador do catecumenato dentro de uma equipe de catequistas, pois esta expressa, visivelmente, o caráter comunitário da tarefa catequética.

A presença da equipe animadora junto aos crismandos é fundamental para criar um ambiente de alegria e amizade. Para muitos jovens, o encontro com Jesus Cristo passa, em um primeiro momento, pela vida afetiva. Eles precisam sentir-se acolhidos de forma incondicional com amor, afeto e simpatia. Nada suplanta a presença atenta do educador que anima e consola, alegra e encoraja. A relação entre educador e educando se pautará integralmente pela confiança, pois esta elimina distâncias e possibilita o diálogo franco.

Brota o espírito de confiança no grupo quando os dirigentes inspiram seriedade e valorizam as experiências de cada jovem. Aí se estabelece uma relação familiar, que permite ir além da superficialidade e faz realmente aparecer o espírito de comunidade no grupo catecumenal.

Nada supera o carinho com que recebemos o outro em nossa vida para partilharmos experiências, bem-querer e doação que nascem da Palavra, da Eucaristia, ou seja, do coração misericordioso do Senhor. Vale a pena recordar a imagem de Jesus Bom Pastor, que dá a sua vida pelas ovelhas (cf. Jo 10,11-18). O catequista de Crisma encontra nela o significado mais pleno de sua vocação e inspiração para acolher o crismando, perdoar suas imaturidades, ouvi-lo e aconselhá-lo. Um grupo unido pela

familiaridade permitirá a confiança e a experiência de vida e de fé a que o catecumenato se propõe.

CATEQUISTAS/ASSESSORES

Assumimos aqui a descrição do perfil dos assessores segundo a obra *Evangelização da juventude*. Entendemos que a equipe catecumenal de animadores deverá ser composta de forma mista, isto é, tanto com catequistas experientes quanto com catequistas jovens.¹ Segundo orientação da CNBB, “em termos ideais o assessor jovem deve trabalhar em conjunto com um assessor de maior caminhada pastoral, que tenha clareza do processo de educação na fé, e ser por ele acompanhado. As duas assessorias se complementam: a experiência e sabedoria do assessor adulto e o idealismo, a energia e a audácia do assessor jovem adulto”.²

“Mais que despertar nos jovens o interesse e a participação em atividades que contribuam na formação integral, o assessor é alguém que acompanha processos pessoais e grupais de educação na fé em que os jovens devem ser os protagonistas.”³ “Partindo dessa função de serviço, o animador (catequista) poderá oferecer ao grupo: o seu próprio testemunho, humilde e sincero, de vida e de fé; uma determinada relação humana com o grupo, desenvolvendo um clima peculiar que favoreça o desenvolvimento da personalidade de cada um. Se o animador conseguir criar esse clima, o resto será secundário; esse ambiente depende, e muito, da forma de ser e agir do animador, de sua autenticidade e de sua capacidade de relacionamento e compreensão das pessoas.”⁴

O catequista está em constante formação. Ao reconhecer os valores dos demais integrantes do grupo, aprende a formar e a ser comunidade. No grupo encontra ambiente onde pode crescer,

¹ Cf. CNBB, *Diretório nacional de catequese*, nn. 203-217.

² CNBB. *Evangelização da juventude*; desafios e perspectivas pastorais. São Paulo, Paulinas, 2007. n. 210. (Documentos da CNBB, n. 85).

³ *Ibid.*, n. 208.

⁴ GUERGUÉ, Jesus. *Jesus; um projeto de vida*. São Paulo, Paulinas, 1988. p. 47.

relacionar-se com os outros, caminhar com os colegas. Antes de pregar, ele faz a experiência comunitária da fé.⁵

Esse grupo precisa se organizar e viver durante o ano todo em comunhão. Para isso, realiza encontros de formação permanente, como também atividades informais que favoreçam mais a espontaneidade e o diálogo.

O catequista promove o diálogo entre fé e cultura; não se fecha em um círculo estreito de relações, mas recria na comunidade a interação entre os acontecimentos e a fé. Cada um se tornará melhor catequista à medida que conhecer e for sensível à vida, aos sofrimentos e às lutas do povo. É participando dos problemas, alegrias e esperanças, das celebrações e orações da comunidade, que o catequista vai atuando e interligando as experiências da vida com o conteúdo da fé. Segundo o *Diretório nacional de catequese*, “ninguém nasce pronto. Cada ser humano vai adquirindo experiências no processo de crescimento [...]. A formação catequética é um longo caminho a ser percorrido, através de conhecimentos, de práticas iluminadas pela reflexão bíblico-teológica e metodológica. Requer sintonia com o tempo atual e com a situação da comunidade”.⁶

Somente boa vontade e conhecimentos fragmentados dos catequistas não serão suficientes diante do desafio atual. Há que se pleitear a formação sistemática dos catequistas com projetos claros de formação continuada, respeitando o nível social, econômico, etário, cultural etc. dos catequistas. E para isso, as estratégias a serem utilizadas podem ser as mais diversas: encontros, cursos, reuniões, revisões, leituras, congressos, jornadas, grupos de estudo etc.

⁵ Cf. CNBB. *Formação dos catequistas*; critérios pastorais. São Paulo, Paulus, 1990. n. 73. (Estudos da CNBB, n. 59).

⁶ CNBB. *Diretório nacional de catequese*. São Paulo, Paulinas, 2006. (Documentos da CNBB, n. 84) n. 256; cf. SILVA, Sérgio. *A missão do catequista*. São Paulo, Paulinas, 2007.

PADRINHOS

Atualmente, tem-se valorizado muito a figura do padrinho/madrinha, bem como a dos pais. Os primeiros trazem consigo a herança cultural da proteção social e dos laços de família (relação do compadrio).

É aconselhável que os padrinhos sejam os mesmos do Batismo, ou seja, pessoas que testemunhem sua fé comprometidos na vida da comunidade. Tenham idade mínima de 18 anos, tenham maturidade, sejam batizados e confirmados, e participem da Eucaristia. O *Código de Direito Canônico* não exige que o padrinho ou madrinha seja do mesmo sexo do afilhado(a). Não podem ser padrinhos os pais, esposo(a), noivo(a), namorado(a) e os não católicos.

PAIS OU FAMILIARES

A participação das famílias é fundamental, pois, em tempos de tão grande pluralismo, estabelecer referenciais de conduta cristã tornou-se um desafio. Alternam-se, na sociedade e nas famílias, critérios de permissividade e rigorismo, consumismo disfarçado e avareza, desvalorização da pessoa e desconfiança de utopias transformadoras. Por isso, urge dialogar com todos os que educam, a fim de construir uma abordagem cristã de temas polêmicos como construção da paz, luta pela liberdade, verdade, justiça, namoro, casamento, sexualidade, drogas, cidadania e exclusão social.

Nas últimas décadas, a concepção de “família” mudou radicalmente. Nas atuais, menos numerosas, muitos jovens são criados apenas pela mãe ou pelo pai, ou ainda por algum parente próximo ou de referência. Como não temos mais um só modelo de organização familiar, é fundamental que o catequista trace um perfil do núcleo familiar do crismando. Preferimos tratar a configuração familiar em geral, considerando prioritariamente as relações afetivas e os vínculos de educação, solidariedade e proteção, sem nos determos no modelo natural de pais e filhos.

Por isso, muitas vezes citamos a família, ou os familiares, sem necessariamente nos referirmos unicamente aos pais.

Como parte do projeto catequético, é importante que a paróquia ofereça a catequese sacramental aos pais e familiares adultos que não completaram a iniciação, isto é, foram batizados mas não evangelizados, não fizeram a Crisma ou a iniciação à Eucaristia.⁷

O itinerário apresenta os encontros com os pais e responsáveis no Livro da Família para que acompanhem a formação dos crismandos e, ao mesmo tempo, revejam e alimentem a própria fé.

Encontros com os familiares

Nos encontros com os pais e responsáveis recordamos a necessária presença de todos os catequistas e, se possível, do pároco. É importante que os catequistas tracem um perfil geral do núcleo familiar do crismando.

Quais são os modelos de famílias em que vivem os crismandos?

Quantos pais ou responsáveis não completaram a iniciação (não receberam a Confirmação ou a Eucaristia)?

Quem deseja receber a visita do pároco ou da equipe catecumenal para uma oração ou bênção da casa ou da família?

O local deve estar arrumado, dentro das possibilidades da comunidade, com bom gosto e carinho. É importante que as pessoas percebam que o ambiente foi preparado para recebê-las.

Pontualidade para início e término é sinal positivo de boa organização. Uma hora de duração é tempo suficiente, pois encontros prolongados tornam-se cansativos e prejudicam a concentração.

⁷ Cf. BRUSTOLIN, Leomar Antônio; LELO, Antonio Francisco. *Iniciação à vida cristã*. Batismo, Confirmação e Eucaristia de adultos. São Paulo, Paulinas, 2006; BLANKENDAAL, Antônio Francisco. *Seguir o mestre*; Batismo e/ou Confirmação e Eucaristia de adultos. São Paulo, Paulinas, 2007.

COMUNIDADE

Quem catequiza é sempre a comunidade cristã. Catequizar significa estimular e acompanhar no seguimento de Jesus. Mas a própria comunidade também é catequizada, coloca-se em atitude humilde de “ser evangelizada”, constantemente renovada pela fé em Jesus. É a vida cristã que catequiza: a comunhão fraterna, a oração, o amor e o compromisso na transformação do mundo, o diálogo e a convivência, o respeito e a ajuda mútua...

Um processo de educação da fé não é uma doutrina bem organizada; é, sim, um caminho percorrido em comunidade, no qual existe partilha, perdão, escuta, acolhida, celebração, compromissos... É uma busca da fé em comum.⁸

A comunidade é chamada a renovar a graça batismal. A cada ano refaz o caminho da iniciação e renova os compromissos de vida batismal. Também se compromete a acolher e formar o catequizando, como também a preparar o catequista e a tornar disponíveis os meios necessários para a catequese. “A catequese encontra, na comunidade, seu lugar próprio, mas deve realizar-se, também, ‘em comunidade’, quer dizer, levando o grupo a ser uma verdadeira comunidade de jovens. A vida comunitária é fundamental para o discípulo de Jesus. O processo de educação da fé é comunitário, no seu andamento e no seu fruto final. Além da experiência comunitária realizada no contexto da comunidade de fé (paroquial), é fundamental que o catecumenato se realize na experiência de comunidade grupal, desenvolvendo uma pedagogia de diálogo e de partilha.”⁹

Por isso, precisa-se criar um ambiente de “comunidade”, onde todos se sintam bem. O próprio encontro seja uma experiência do que é comunidade eclesial. Os participantes se conheçam, se estimulem e procurem, juntos, aprofundar a fé, rezar com a Palavra de Deus, ser solidários, sabendo partilhar e ajudar-se mutuamente. Seja um ambiente alegre, onde todos se sintam bem, aceitos e valorizados.

⁸ Cf. GUERGUÉ, *Jesus*, cit., p. 36.

⁹ *Ibid.*, p. 44.

Este itinerário inclui a apresentação aos jovens do trabalho que a comunidade realiza (visitas, festividades, celebrações, reuniões, trabalhos pastorais), com a finalidade de motivá-los à participação e ao engajamento.